



DARK
LONDON

Contagem Regressiva

uma obra de
Pietra
Von Bretch

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





**DARK
LONDON**
Contagem Regressiva

uma obra de
Pietra
Von Bretch

O conto que dá origem a série

DARK LONDON

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Revisão

Ana Vidal

Diagramação

Cristiane Saavedra

Capa

Gisely Fernandes

Fotos de capa

Bigstock

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos e não emitem opinião sobre eles.

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
PIETRA VON BRETCH

www.pietravonbretch.com

wattpad.com/user/PietraVonBretch

facebook.com/AutoraPietraVonBretch

instagram.com/pietravonbretch

twitter.com/pietravbretch

*A todos os fãs de literatura fantástica.
Perçam-se na sombria Londres!*

Índice

[Capa](#)

[Ficha Catalográfica](#)

[Dedicatória](#)

[Contagem Regressiva](#)

[Prefácio da Morte - Dark London A Profecia das Eras - Livro 1](#)

[Agradecimentos](#)

*“O bem e o mal tem a mesma forma, o mesmo rosto.
Tudo depende da época, do momento, do instante
Em que cruzam o caminho de cada ser (...)”*

Paulo Coelho



conflito com a matilha liderada por Seth estava longe de ser superado. Eu não tinha ninguém no mundo além de Alex, de forma que a segurança de minha amada era prioridade para mim em tempos de guerra. Todos estavam em risco diante daquele cenário. O momento era instável e violento. Ninguém estava a salvo. Quando cheguei à frente da casa em estilo vitoriano na periferia londrina onde vivíamos, o cheiro daquela mulher rasgou minhas narinas de forma avassaladora.

Desmaterializei-me e reorganizei as moléculas junto à porta do banheiro, onde ela se banhava alva e bela. Todo meu corpo respondeu àquele aroma. Ela notara minha presença e disparou o olhar junto ao meu. Sorrindo, balbuciou: “boa noite”. Foi o passaporte que eu esperava. Caminhei até a banheira, ajoelhei-me, segurei seu rosto entre as mãos e beijei seus lábios. Suas mãos delicadas mal tocaram a minha pele e meus olhos já se fecharam, entregues. Meus lábios sedentos encontraram os dela como um imã. Rosnei em aprovação à sensação sexual potencializada em seres como eu.

— Senti sua falta! — ela disse quando a tomei nos braços, tirando-a da banheira provençal e levando-a para o nosso quarto.

— Mal pude suportar a sua — respondi selando nossos lábios, sorvendo o delicado perfume que sua pele exalava.

Antes de continuar essa história, manda a boa educação inglesa que eu me apresente. Meu nome é Brian McIntire, sou inglês, nascido na área que hoje é conhecida pela cidade de Birmingham. Tenho 452 anos e sou um vampiro. Fui abraçado em meio à Idade Média, num contexto histórico de capas e espadas, disputas religiosas e territoriais.

A primeira vez em que a vi, eu tive a certeza de que seguiria sua alma pela eternidade. Naquele tempo, ela se chamava Igrainne Ivanov, filha de um aristocrata europeu. Embora vestisse trajes medievais e se comportasse como uma dama era uma mulher a frente do seu tempo. Eu a via cercada de livros e manuscritos próprios, onde escrevia poemas nas línguas saxônicas extintas. Com carvão, desenhei seus traços nas folhas do diário que carregava comigo. Os olhos azuis faziam inveja ao céu. A boca rosada e o queixo afilado foram esboçados uma dúzia de vezes. Tudo naquela mulher me hipnotizava. Era a perfeição em formas e cores.

Como predador sedutor que sou, aproximei-me diversas vezes durante a noite, por entre vidraças e todas as vezes que ela saía para se refrescar do lado de fora das paredes de pedra do castelo onde residia com sua família. Não havia paciência em meus impulsos recém-criados, nem tampouco estratégia em minha mente. O instinto animalesco comandava com força e me jogava para Igrainne com a energia de uma pedra catapultada. Fiz a única coisa que sabia fazer naqueles dias. Bebi de seu fluido vital. Alimentei-me do ser que era a fonte do meu desejo atroz.

Perdi a sanidade quando, na tentativa de transmutá-la, acabei levando-a a morte. Eu era um neófito inexperiente e impulsivo e paguei o preço por meu temperamento vampírico. Desejei minha própria extinção, atentei contra a vida nefasta que me fora dada e fui impedido por meu Criador não só uma, mas inúmeras vezes. A punição veio com a dor e a culpa que purgaram como uma ferida infeccionada.

Oitenta anos depois, durante a Inquisição Espanhola, tive a certeza de que as almas humanas eram

imortais. Frida era seu nome. Mulher impetuosa, de traços fortes, olhos grandes, ancas largas. O mesmo cheiro. No sangue, o mesmo gosto. Eu jamais esqueceria. Igrainne era Frida. Entretanto, Frida já não era mais uma distinta aristocrata, mas uma cortesã. Mais comedido e experiente estabeleci contato no mesmo dia em que a encontrei. Seu ofício tornou mais simples o laço sexual e foi o empuxo perfeito para uma relação de poucos anos.

A bem da verdade, o fato é que ela teve muitos nomes, viveu muitas vidas e apenas 400 anos depois tive “culhões” para contar-lhe a verdade. Eu era um vampiro e estava indubitavelmente apaixonado por uma alma humana. Por quatro séculos eu estive arrebatado e permaneceria por todas as reencarnações que viessem.

Alex soltou um silvo quando minhas presas afiadas perfuraram a pele cálida de seu pescoço. Fechou os olhos e chegou a perder o equilíbrio, escorando-se na parede. O aroma picante e apimentado impregnou cada polegada do nosso quarto. Após o alimento que ela insistia em prover-me, fechei as incisões com lambidas calmas e provocantes e a levei para a cama. Ajustei os travesseiros junto a sua cabeça, seguido pelo olhar atento de minha dama. Alex estava nua e tudo nela me chamava. Queria possuí-la, tomá-la.

Meus dedos longos percorreram a lateral de seu corpo desde os ombros até o quadril. Sorri com os pelos eriçados e os bicos dos seios túrgidos. Embrenhei-me por suas coxas, afastando-as com as palmas das mãos. Apertei a carne e me posicionei de bruços, entre aquelas pernas, com a cabeça a centímetros de distância do sexo exposto e úmido. Rosnei ao mesmo tempo em que ela gemeu. Passei a língua entre os lábios, umedecendo-os e ergui a cabeça para fitar seus olhos. As esmeraldas que aquela vida lhe dera flamejavam desejo e deram o sinal da partida.

Abocanhei o sexo quente e molhado. Com a língua tracei o caminho de sua entrada até o clitóris. Senti o doce penetrar nas papilas gustativas e me regoziquei. Abri suas pernas violentamente e, com os polegares, abri os lábios. Lambidas nas laterais do ponto do prazer deram as boas vindas. Circundei-o com mais pressão antes de começar a movimentar a língua para cima e para baixo junto à borda esquerda. Ali era o alvo, o local onde o prazer era multiplicado até explodir em gigantescas ondas. A cada investida sentia-a mais molhada. Alex jogava a pelve para cima trazendo seu sexo para dentro da minha boca.

Penetrei com dois dedos, longos, hábeis em seu centro. Ela grunhiu e gemeu mais alto. Mantive a língua onde deveria enquanto movia os dedos ora para dentro e fora, ora para cima e para baixo. Sentia que o êxtase estava próximo. Meu pau estava duro e violentava as vestes implorando por liberdade. Ampliei os movimentos sincronizados, liberei as presas arranhando e sugando os filetes de sangue. Alex agarrou meus cabelos e implorou numa voz rouca e erótica:

— Por favor, não pare!

Não haveria ordem, Deus ou demônio que me faria parar. Suguei com força, velocidade e pressão em sincronia com os dedos que pressionavam internamente o mesmo ponto. Segundos depois, senti a explosão adocicada em minha língua seguida das micro convulsões liberadas a partir do sexo de minha amada. O sabor era inebriante, erótico como o inferno e soltara a fera que existia em mim. Como um raio, ergui meu corpo e a penetrei com brutalidade. O sexo era rústico, voraz, urgente. Por horas, senti tesão com o prazer proporcionado a ela. O sexo poderia ser de eterno prazer para um vampiro. Eu não precisava parar. Mas foi necessário. Um tremor diferente deixou os músculos de Alex. Tremores seguidos de um chiado. Algo que eu conhecia. O prenúncio de avisos misteriosos.

Alexandrya Leon McIntire possuía um passado ancestral. Suas antepassadas tinham sido feiticeiras, sacerdotisas pagãs desde a civilização celta. Ela herdara os dons e a necessidade de cultuar os mesmos deuses. Os tremores, o suor frio e os desfalecimentos vinham acompanhados de premonições. Não existia questionamento; de uma forma ou de outra, o que ela via tornava-se realidade. Tomei-lhe o rosto entre as mãos. Ela estava mais pálida que as ceras das velas que iluminavam o aposento. Nervoso, perguntei, ansiando pela resposta rápida:

— O que houve, amor meu? O que sentiu?

Ela respirava com dificuldade e toda sorte de possibilidades passou pela minha cabeça.

— Fale comigo, Alex! — pedi.

Ela sacudiu lentamente a cabeça e a encostou em meu ombro. Nossos corpos estavam colados, minha pele mais fria que de costume. Alex fechou os olhos com intensidade e tentou acalmar a respiração.

— Foi só uma sensação ruim, amor.

— O que você viu? — argui angustiado.

— Uma imagem borrada. Paredes cinza, um lugar fechado como uma cela. Dor, muita dor — ela levou a mão à cabeça e cerrou os olhos sentindo claro desconforto.

— Vem aqui — tomei-a em meus braços apoiando sua cabeça e corpo em meu peito.

Envolvei seu corpo e acariciei seus cabelos até que a tormenta cessasse e ela adormecesse. Os pequenos espasmos musculares durante o sono velado deixaram claro que, o que quer que ela tenha visto, ainda a estava atormentando. Cerrei o cenho quando os pelos em minha nuca eriçaram—se. Algo estava vindo e rápido em nossa direção.



Esqueça tudo que você conhece sobre vampiros. Quer dizer, guarde o básico. Somos imortais, precisamos de sangue para sobreviver e sofremos queimaduras se expostos ao sol. Uma correção: a imortalidade só dura se nossa cabeça continuar presa ao corpo; a decapitação é a extinção. A luz do sol é a pior tortura. O sangue humano é necessidade mandatória. Os víveres da terra, os alimentos de origem animal e as infinitas e deliciosas bebidas criadas pela raça humana apenas saciam desejos e dão a minha espécie muito prazer.

Somos o próximo passo na cadeia evolutiva. Nossas emoções são potencializadas com o Abraço, assim como atributos e habilidades. A fisiologia é transformada em um caminho excruciante que dura cerca de 12 horas. A dor é insuportável. Órgãos mudam de lugar, o sangue é modificado, quase morremos para nascer para a eternidade. A humanidade pode ou não ser suprimida. Se você foi um psicopata enquanto humano, certamente será um vampiro maníaco. Se for um sujeito de boa índole, levará o predicado para a vida noturna.

O cenário era sombrio, eu já expliquei. Lobos, transmorfos, vampiros de clãs rivais, ataques sucessivos a civis inocentes, humanos ou vampiros, fêmeas e crianças indefesas. Não havia código de honra ou conduta. A escuridão se aproximava. A guerra estava declarada entre nós e nossos inimigos naturais. Os líderes mapeavam incansavelmente cada quadrante da cidade. Opositores se multiplicavam como bactérias e surgiam dos esgotos como ratos, onde e quando menos esperávamos.

Outro covil, o terceiro naquela semana, fora localizado pela parafernália tecnológica de Stuart. Eu e as demais Sentinelas iríamos estourar o lugar na calada da noite. A título de entendimento, creio que seja importante que você saiba que nossa sociedade caminha em paralelo à humana. Temos regras claras, política, clãs e classes sociais. Faço parte da versão militar do seu mundo. Sou uma Sentinela. Minha missão é manter a segurança e o anonimato de minha raça. Somos treinados pelos melhores Guardiões e assinamos a lealdade à Realeza com sangue.

Em casa, vesti todos os coldres com armamento pesado, longas adagas para vampiros e transmorfos, balas de prata para lobos. Os olhos atentos e preocupados de Alex estavam conectados aos meus movimentos. Percebia o compasso acelerado do seu coração e entendi, na força do abraço mudo, a angústia que ela sentia.

— Vai ficar tudo bem — sorri beijando-a e recebi em retribuição o sorriso retraído incomum a minha mulher. — Estarei de volta antes que perceba.

Beijei-a uma última vez e me desmaterializei para encontrar o grupo avançado. Quão tolo e hipócrita um vampiro podia ser?

Chegamos ao interior em cerca de 20 minutos. A área rural se estendia até a linha do horizonte cortada pela floresta inglesa nativa. Duas milhas adiante, nós avistamos um conjunto de armazéns próximos a um silo de guarda de produção agrícola. Ao que tudo indicava era uma fazenda. O grupo de vampiros desintegrou suas moléculas e reuniu forma entre as árvores. O odor fétido da morte impregnava o entorno. Ao nos aproximarmos dos galpões, vimos que era enorme e negro como o mar profundo e deveras silencioso. Nenhuma movimentação. Nenhum sinal. Um frio glacial varreu minha espinha. Meus instintos estavam gritando. Tinha algo muito errado naquilo tudo.

Durante as missões, nos comunicávamos por sinais e telepatia, embora a segunda não fosse a primeira opção, uma vez que é habilidade herdada por todos os vampiros. Cobri a entrada lateral do principal depósito com mais três Sentinelas. O Líder se dirigiu à entrada principal com outros três e o segundo em comando para os fundos do lugar. Surpreendi um grupo de Desgarrados drenando um humano jovem; mantinham uma mulher prisioneira. Com as roupas rasgadas, ela estava seminua. Dois a cutucavam como a um bicho acuado, enquanto ela se encolhia em um vértice de parede implorando que não a ferissem.

Saí das sombras em direção ao grupo.

— Eu não me importo que vocês queiram se alimentar desse aí, mas não vão tocar nessa mulher — disse com a marra peculiar aos de minha classe.

Não houve tempo para a resposta. O grupo urrou em uníssono e partiu para o ataque. Apenas um ergueu a mulher do chão e segurou-a por trás, atando—lhe as mãos junto ao peito e posicionando uma faca de caça em seu pescoço. As Sentinelas ofereceram a cobertura necessária para que eu pudesse intervir.

— Que espécie de imbecil é você para ameaçar uma humana com uma faca? — provoquei.

— Eu vou rasgar o pescoço dela! — ameaçou. — Se não der o fora daqui, eu pico a vadia!

— Sabe de uma coisa? — disse me aproximando centímetro a centímetro. — É isso que eu mais odeio em vocês. A boca suja e a falta de educação.

A mulher soluçava em choque, dominada pelo macho, dez vezes mais forte e letal. A distração era

fundamental para o que viria a seguir. Um estalo alto de pescoço quebrado foi ouvido e o monte de bosta desabou no chão. A fêmea perdeu as forças e o equilíbrio e caiu em seguida. Porém, ao ver-se livre, esgueirou-se para um canto enquanto o enorme vampiro vestido de preto atrás dela ergueu a espada de fio duplo e decepou a cabeça do Desgarrado em um só golpe. Primeiro você quebra o pescoço dos desgraçados na altura da quarta vértebra; depois, arranca a cabeça e game over.

Para que as nomenclaturas de minha sociedade fiquem claras para você, posso dizer que Desgarrados são todos os vampiros que vivem fora das regras da raça, que expõem nossas castas e disseminam o terror. Qual é o objetivo deles? Promover a anarquia, acabar com Realeza, subir ao poder e abrir a temporada de caça a humanos, lobos e o que mais der na telha. São seres insanos, animalescos, predadores da noite como eu fui um dia.

Como esperávamos, depois do comitê de boas vindas, os Desgarrados começaram a surgir como gafanhotos. Eram vampiros como eu, porém de clãs marginalizados pela elite e Realeza. Tiros, chutes, socos, pontapés, facadas. Sangue. A luta foi cruenta, demorada, exaustiva. Uma dupla escapou para fora do galpão e foi captada por minha visão periférica. Saltei do platô onde acabara de finalizar dois fedidos e corri atrás das ratazanas. Ao passar pela porta, os vi adiante, prontos a entrar na mata fechada. Disparei. Aquilo iria atrasá-los. Todavia, no milésimo de segundo seguinte, senti uma descarga elétrica e o corpo inteiro estremeceu. O choque foi forte e me desorientou. A dor lancinante tomou minha cabeça até o derradeiro blackout.



O som estrondoso de uma risada reverberou no ambiente. O vampiro de cabelos acobreados estava à mercê, preso à parede por correntes de aço atadas a seus punhos, pescoço e pés. O macho, de aparência jovem, abriu os olhos para encontrar o sorriso amarelo daquele que seria o seu assassino, mas antes eles iriam jogar. O carrasco estalou a cabeça para um lado e para o outro. O peso do corpo pendendo sob as correntes e a forma que fora preso pressionava os pulmões de Brian tornando a sobrevivência custosa.

O raptor se encaminhou a uma mesa onde depusera diversas lâminas. Escolheu quatro bem finas e andou até o prisioneiro. Encarando-o, enfiou uma lâmina em cada punho do vampiro, depois perfurou os tornozelos, até que todas foram cravadas na parede de pedras. Desferiu socos no rosto e abdome. O som abafado de dor confirmou que Brian estava desperto.

— Comece a falar, porque o estoque disso esta apenas no começo — ameaçou.

** Eu estava totalmente confuso, sem entender o que havia acontecido. Sabia que tinha desmaiado e abrir os olhos foi o passaporte de boas vindas ao inferno. Grunhi quando a primeira lâmina rasgou o pulso direito. Tentei me mover em vão. No minuto seguinte percebi, da pior forma, que qualquer tentativa sutil de movimento faria minha carne rasgar como a de um bicho no abatedouro. Ignorei o que o desgraçado perguntou. Na segunda tentativa, somente minha boca se moveu. **

— Se acha que vai tirar alguma coisa de mim, está perdendo seu tempo. Pegou o cara errado.

O sujeito era pálido como a lua cheia e possuía um hálito podre que seria facilmente sentido à distância. Com o corpo próximo ao de Brian, falou baixo:

— Eu tenho a noite e o dia inteiros para me divertir com você.

Inclinou a cabeça para chegar próximo ao ouvido do vampiro e provocou:

— Vai facilitar as coisas e me encher de prazer? Porque é o que vou sentir a cada grito que você

urrar.

— Não posso responder o que você não perguntou — respondeu Brian em tom superior.

— Eu quero a localização exata daqueles que você chama de Realeza e da base dos Guardiões — a elevação do tom de voz mostrou que o sujeito não lidava bem com ironias.

Brian soltou uma gargalhada e cuspiu no chão, junto aos pés do carrasco, o sangue e a saliva represados. O Desgarrado se afastou, andou de um lado para o outro olhando a nova lâmina entre os dedos e, sem aviso prévio, enfiou o aço entre as pernas do macho acertando sua virilha. Desceu um soco no flanco direito, obrigando-o a se mover-se. A carne foi rasgada nos quatro pontos por onde estava atado às correntes, às lâminas e à parede.

** Gritei com a certeza de que ninguém em um raio de quilômetros me ouviria. Como eu disse antes, a minha fisiologia foi aprimorada após a “Quase Morte”. Entretanto, respirar ainda era necessário e algumas injúrias poderiam funcionar como catalisadores de uma destruição mais rápida. Sim, vampiros podem morrer! Virei os olhos em agonia com a sequência de golpes oriundos dos punhos fortes de meu sequestrador. Cuspi em seus pés, mais uma vez, as secreções represadas na garganta, esforcei-me para buscar ar dos abismos abissais e falar entre os dentes:— Assim eu me apaixono, seu merda! **



Alex estava prestes a fazer um buraco no chão, andando de um lado a outro enquanto falava com o Guardião Maior, o líder das Sentinelas e chefe imediato de Brian. Joseph era um vampiro negro, com quase dois metros de altura, corpulento, um verdadeiro armário.

— Não preciso que confirme o que aconteceu com Brian, Joseph. Eu vi! — despejou após a tentativa de ser dissuadida.

O Guardião não dera informações precisas. Dissera apenas que Brian permanecera em campo após o retorno dos demais ao Forte Saint German, quartel general dos guerreiros da Realeza.

Inesperadamente, um grito pavoroso deixou a garganta de Alexandrya McIntire, chamando a atenção de todos dentro do aposento. A mulher caiu de joelhos no chão e seus braços e pernas começaram a sangrar. Os Guardiões saíram em auxílio, porém não conseguiram chegar a ela. O corpo de Alex agora liberava uma onda poderosa de energia que bloqueara o acesso; seus olhos estavam brancos e a expressão era da mais profunda agonia. O caos durou dois minutos, mas pareceu uma eternidade. Quando a energia cessou, os vampiros ouviram o malfadado prenúncio.

— Ele está preso, sendo torturado — as lágrimas rolavam de quatro em quatro por sua face. — Estamos conectados, unidos pelo sangue. Sei o que ele sente. Sinto o que ele sente.

Os punhos e os tornozelos da fêmea humana estavam feridos. O aroma do sangue atiçava os instintos até dos Guardiões mais tolerantes. Joseph tratou de tirar a todos do escritório, de modo a evitar qualquer ataque inusitado ou recaída. Enrolou panos para conter os sangramentos e ajudou-a a deitar-se em um dos sofás.

— Quero que preste atenção... — ele disse sentado em uma cadeira de madeira e tecido ao lado dela. — Brian é meu amigo. Devo minha pele a ele e não medirei esforços para encontrá-lo, mas ele me fará pagar com a vida caso alguma intempérie atravesse o seu caminho.

— Eu posso localizá-lo. O feitiço certo e a nossa ligação são as chaves — disse decidida a não

arredar pé.

— Isso é excelente, mas terá que fazer isso à distância. Não existe a ínfima possibilidade de deixá-la exposta — retrucou irreduzível. — Para os sequestradores de nossa espécie, você é a fraqueza dele e irão usá-la para conseguir o que querem.

— Sou uma Sacerdotisa Pagã. Minha arte e poder transitam através dos tempos e planos. Acabou de ter uma prova de que não preciso ser protegida — replicou.

— Faça o feitiço. Encontre-o e vamos atrás de Brian — o Guardião se levantou, mas ela o deteve.

— Não há tempo. Cada minuto que perdemos é igual a mais um passo em direção ao abismo — ela ergueu o corpo com alguma dificuldade e se colocou de pé ao lado do enorme vampiro. — Preciso buscar os ingredientes certos e fazê-lo em solo sagrado.

A força e a personalidade forte daquela mulher eram inacreditáveis. O aroma do sangue vertido durante a predição deixava claro que ela não era uma humana comum. Os traços do sobrenatural estavam em seu corpo e fluidos vitais. Combinaram, por fim, que seu homem de confiança a levaria até a casa e que lá permaneceria por sua segurança. Essa variável era inegociável e Alex aceitou prontamente, agradecendo a ajuda e empenho do Guardião Maior.



Lâminas afiadas rompem a carne e chegam ao osso de qualquer animal com extrema facilidade quando empunhadas com a força certa. Brian urrou quando sua carne foi dilacerada uma dúzia de vezes nos braços, tórax e abdome. O algoz queria a localização do Lugar Seguro dos aristocratas e do Quartel General das Sentinelas. Foi espancado, humilhado, torturado por longas horas, porém nenhuma palavra foi dita além das provocações.

— Os primeiros raios de sol serão sua passagem para a desgraça, seu monte de merda!

Ergueu o queixo roxo e inchado de Brian e falou entre os dentes:

— Acha mesmo que algum daqueles filhos da puta almofadinhas liga a mínima para um soldadinho de chumbo como você? CARNE MORTA! É isso que você significa!

Cada palavra saiu com um soco no estômago. Toda a força e resistência estavam a ponto de se esvaír por completo. Ele não conseguia mais sustentar o corpo aumentando ainda mais os ferimentos nas extremidades. Queria gritar, uivar com a dor excruciante a qual estava sendo submetido, mas o som não se propagava a partir de suas cordas vocais. A covardia da tortura infligida era mais do que necessidade de informação. Era prazer orgástico do torturador.

Quase 24 horas depois, a hemorragia e a dor fizeram McIntire percorrer um curto caminho até o choque. Os instantes que se seguiram antes da inconsciência o levaram para Alex. Onde estaria? A certeza era clara de que sua amada sabia da situação. Pensar naquilo doía mais do que o que estavam fazendo com ele. Sabia que, se não fosse encontrado pelos seus, morreria naquele lugar. Foi vencido pela dor imposta, desmaiando após ter suas bolas amassadas pelo demônio sanguínario. Alexandrya. O último pensamento. No meio de sua aflição, irônico, mas pensou que não suportaria perder mais uma vez a mulher que amava.



Os locais onde as bruxas ancestrais eram sepultadas são considerados sagrados por suas

descendentes. Alguns cemitérios possuíam essa característica, assim como antigos círculos de pedra. Foi para um desses que Alexandrya se dirigiu; a roda mística ficava na sua propriedade e era protegida com fortes encantamentos. A Sacerdotisa foi seguida de perto pelo Guardião, que, mesmo sem ser solicitado, guardou distância do lugar onde o ritual seria realizado. Historicamente, vampiros tinham profundo respeito por bruxas e feiticeiras e não era diferente entre os guerreiros.

Após traçar o círculo sagrado, a bruxa invocou os quatro elementos e seus deuses. Implorou por auxílio e trabalhou duro no feitiço de localização. Seu próprio sangue e um chumaço de cabelo acobreado do marido associado a ervas junto a um mapa e um pêndulo indicariam o cativo. A dor de Brian a enfraquecia, mas Alex permanecia firme. Não havia nenhum tipo de proteção mística no monastério desativado onde estava sendo mantido, de modo que Alex conseguiu encontrá-lo mais rápido do que imaginava. Contatou Joseph, deu o endereço e, após se livrar da vigilância da sentinela com truques mágicos, dirigiu-se à zona rural. O dia estava amanhecendo. Sabia que os vampiros precisariam dela durante a alvorada.



A tortura não cessou na madrugada. Todas as vezes que Brian apagava era trazido de volta com choques de alta amperagem. Cortes profundos, hemorragia, graves queimaduras. Brian sentiu a vida esvaír-se de sua carcaça. Uma lágrima solitária desceu pela face disfarçada no sangue pisado. Sabia que o fim estava próximo, que não suportaria mais uma sessão como aquela. Estava prestes a desfalecer outra vez quando ouviu a explosão e uma luz branca quase o cegou. Só poderia estar delirando. Era a imagem de Alex no fundo de seus olhos, vestida com trajes cerimoniais, cabelos traçados. Bela como um anjo vingador.

A surpresa do carrasco veio misturada com incredulidade. Que espécie de entidade era aquela? Uma mulher morena, com olhos brancos que cintilavam mais que a luz do astro rei. Ele elevou o braço junto aos olhos cerrando-os. Estavam praticamente cegos pelo brilho. Ela caminhou plácida e poderosa na direção do opositor, que não compreendia o que estava por vir. Numa fração de segundos os gritos de horror tiveram início; no exato momento em que uma dúzia de Vampiros Guardiões invadiu o cativo. Joseph tinha recebido a mensagem de Alexandrya.

Ninguém se moveu atrás ou na frente dela. O vampiro Desgarrado urrava abaixado, com as mãos segurando a cabeça como se esta fosse explodir a qualquer instante. Alex fechou as pálpebras e as abriu, como em câmera lenta, ao mesmo tempo em que uma névoa branca foi expelida de sua boca, com a expiração. Era o final do caminho daquele que havia sido o executor e torturador de Brian. Quando a luminosidade que emanava do corpo da mulher finalmente cessou, todos puderam ver uma carcaça seca como uma ameixa descartada, junto às paredes de pedra.

— Brian... — o nome do vampiro deixou seus lábios com um suspiro e lágrimas.

As Sentinelas cobriram a alcova. Dois vampiros avançaram para o paredão onde Brian McIntire estava desacordado e gravemente ferido. Alexandrya se aproximou dele enquanto os machos extraíam as lancetas presas nos pulsos e tornozelos. Sua pele era um misto apavorante de sangue, suor, fuligem e os deuses sabem o que mais. Tocou-o gentilmente com as mãos trêmulas e viu que estava mais frio que nunca, como o mármore exposto ao vento glacial. Quando a última estaca metálica e as correntes foram retiradas, o corpo do vampiro pendeu inerte para frente e para baixo. Foi colocado no chão. Alex se ajoelhou junto a ele e implorou:

— Brian... Amor meu, eu sei que está me ouvindo — a mão direita foi passada pelo rosto sem vida do macho. — Preciso que aguento firme, amor! Eu estou aqui!

A mulher ergueu os olhos para as Sentinelas esperando que tomassem alguma atitude, mas os viu impassíveis diante do inevitável. Joseph sacudiu a cabeça de um lado para o outro em negativa. Era chegado o final. Inconformada, Alex deixou rapidamente o corpo imóvel de Brian e esticou o seu até uma das lancetas deixadas no chão. Sem que esperassem, rasgou o pulso direito com um corte fundo que fez o sangue verter imediatamente.

Diante dos olhares estupefatos dos soldados, levou o próprio punho à boca de Brian e forçou a abertura para que o sangue descesse rumo a sua garganta.

— Vai, amor, bebe! Vamos, Brian, você não vai me deixar... — insistente, ela continuava sem que houvesse resposta do vampiro. — Você não vai MORRER! BEBA!!

O fluido vermelho e viscoso vertia e já os inundava, lavando rosto, peito e pescoço de Brian e a mão inteira de Alex. Os guerreiros se retiraram após a ordem direta de Joseph, que abaixou junto ao casal:

— Ele está morto.

A tranquilidade na voz do sujeito não impediu a descarga desesperada de Alex.

— NÃO ESTÁ! ELE NÃO PODE MORRER! ELE NÃO VAI!

Sem que nenhum dos dois percebesse, enquanto o cenário caótico girava em torno de suas cabeças, a glote de Brian começara a se mover engolindo gota por gota do sangue de sua mulher, o néctar que talvez, por algum milagre, o traria de volta para ela. Joseph e Alex moveram-se ao mesmo tempo, quando suas visões captaram a mão esquerda de Brian se erguer para segurar o pulso de quem o alimentava junto à boca. Alex não segurou a agonia e soluçou sobre o corpo do vampiro que tinha aprendido a amar por tantas vidas.

Existe um limite que não deve ser rompido quando um vampiro se alimenta de sangue humano in vivo. O chamado Portão da Fronteira não deve ser ultrapassado. A morte era um caminho sem volta a partir desse ponto. Joseph ouviu as batidas do coração de Alexandrya ficarem cada vez mais fracas, à medida que o tempo avançou e as sugadas de Brian foram ficando cada vez mais ávidas e intensas. Sabia que o limiar estava próximo e interveio.

— Já está bom, Alexandrya — ele tentou.

— Não ouse tirá-lo daqui — a humana retrucou com os olhos parados e determinados. — Sabe do que sou capaz se tentar!

— Você está morrendo, mulher! Ele vai matá-la e não se perdoará por isso!

— Não interessa! — a voz rouca e a baixa sonoridade apontavam para o desfecho que ninguém naquela cela queria. A morte.

Embora houvesse força na ameaça velada, a feiticeira estava mais lívida a cada segundo. A cada gole sorvido de suas veias, sua vida se esvaía. Joseph tentou arrancá-la das mãos de Brian e foi repellido pelos olhos brancos. Quando a consciência de Alex a deixou, não havia tempo para intervenções. Seu destino estava selado, o sacrifício feito em nome do amor incomensurável.

Os lapsos e flashes do que aconteceu, após captar na retina a imagem da esposa, ficaram na

memória de Brian McIntire como um quebra cabeças desmontado. Abriu os olhos minutos depois, dotado de algum entendimento e sentiu o gosto do sangue de sua amada na garganta. Ela estava em seus braços, pálida, desfalecida. Tomado pelo desespero, Brian a sacudiu e mal percebeu o leve movimento de pálpebras. Foi parado por Joseph, que o trouxe de volta à realidade.

— Ela disse que te alimentaria até o limite, que não suportaria te perder e que não ousássemos impedir. Estaria morto se não fosse pelo sangue dela, Brian.

— Não, não, não!!! — urrou apavorado como um menino perdido, sacudindo-a sem resposta.

Os olhos esbugalhados, as lágrimas embaçando sua visão, a vertigem da perda inesperada. Brian era a imagem da desolação. Encostou a cabeça no peito da mulher soluçando.

— Por todos os deuses, você não podia ter feito isso — entre um soluço e outro, os lamentos continuavam. — Como viver se você leva de mim o maior pedaço, o melhor, o que há de bom...

A desesperança tem a capacidade de anestesiar qualquer ser, humano ou sobrenatural. O coração de Alexandrya ainda não tinha se rendido e batia de forma braquicárdica. Era inaudível aos ouvidos naturais, mas perceptível à audição vampírica e em um instante de lucidez, Brian escutou. Ergueu a cabeça e fechou os olhos para ter certeza e confirmou a hipótese. Ela ainda estava viva. Não havia tempo hábil para removê-la até o hospital mais próximo, mas ele poderia convertê-la, transformá-la em alguém como ele.

A decisão era dele. Transmutá-la ou perdê-la? Ou ainda correr o risco de levá-la ao hospital? Sabia que ela não resistiria ao percurso; chegaria morta à instituição. Perguntas seriam feitas, questionamentos pautados e sua raça estaria exposta. Não constava do rol de chances em sua mente. Se houvesse alguma maneira de desmaterializar-se com ela, talvez pudesse salvá-la, mas era impossível.

Brian olhou para sua amada após pesar todas as possibilidades e tomou a decisão que mudaria a vida dela para sempre. Rasgou o próprio pulso já em cicatrização e depositou na boca de Alex o seu sangue. Assumiria as consequências, pois não teria mais forças para vê-la morrer outra vez. Aos poucos, ela então provou e deglutiou gota a gota o fluido que os uniria para a eternidade.



Algun tempo se passou até Alexandrya despertar. Tempo o suficiente para que Brian e os amigos a tirassem do antigo monastério e a levassem para casa. O vampiro não possuía legado, nunca transformara alguém, mas conhecia os efeitos do Abraço. Eram dolorosos e devastadores e estariam arraigados ao corpo, às entranhas e à alma de sua Alex pelas próximas doze horas. Quando ela finalmente abriu os olhos, ele foi a primeira imagem que viu.

— Oh, meu Deus, Brian!! — levantou da cama sem dificuldade para agarrar-se em seu pescoço num misto de sorriso e lágrimas, o regozijo pela vida.

Ele a abraçou com força, beijou sua face e pescoço enquanto ela esquadrihava cada quadrante do corpo dele.

— Por um instante eu pensei que fosse perder você — disse com as mãos pousadas em seu rosto com a boca a centímetros da dele.

— Isso nunca mais vai acontecer.

A frase, cheia de duplo sentido, veio seguida de um beijo longo e angustiado. Precisava dizer a ela

o que tinha feito. Não sabia como ela encararia o fato, mas precisava ser honesto antes que as mudanças começassem a acontecer.

— Eu preciso que saiba que eu te amo mais do que tudo no mundo — ele disse com o rosto de sua amada entre as mãos. — Preciso que entenda que não sou capaz de respirar sem você, não existe sentido se você se for.

Ela sorriu, ajeitou-se na cama provençal finamente arrumada, sentou-se junto a ele e trouxe à cena uma história antiga.

— Quando me contou quem você era... — ela ergueu as esmeraldas e fixou morada no olhar de Brian — ... o que você era, eu me senti perdida e assustada inicialmente. Não entendia porque aquele turbilhão estava acontecendo justamente comigo. Você me falou dos nossos encontros, do que vivemos em outros tempos, da dor sem medidas que partia o seu coração todas as vezes que me corpo morria, da solidão sem limites até o próximo encontro, que poderia ser em qualquer lugar do planeta.

Alex respirou profundamente e continuou, sem que ele pronunciasse uma única sílaba.

— Lembro perfeitamente da sua expressão quando terminou de falar. Era como se implorasse para que eu entendesse e aceitasse, mas não era mais necessário. Eu já estava entregue e sabe por quê?

Brian sacudiu a cabeça, prensando os lábios em nervosismo.

— Porque assim que meus olhos encontraram os seus pela primeira vez, eu soube que nossas almas estavam destinadas a ficar juntas. Eu também não teria forças para perder você — prensou os lábios nos dele e continuou. — Eu já te amava infinitamente. Pouco me importava, naquele momento, se você era humano ou vampiro, homem ou mulher, preto ou branco. Isso não interessava. O amor que eu sentia verter dos seus poros também saía dos meus. Eu não podia te perder...

— Algumas decisões são as piores de serem tomadas. Mudam a vida para sempre — ele olhou para a janela e a luz do luar que invadia o quarto. — Deveriam ser consentidas.

— Do que exatamente você está falando?

— Seu coração quase parou de bater a algumas horas — soltou no ar.

— Mas não parou... — ele a interrompeu imediatamente.

— Porque eu lhe dei meu sangue....

Lançou a bomba nuclear no colo de Alex. A ânsia de vômito veio em seguida guiada pelo medo da reação que ela teria. A expressão da mulher foi mudando lentamente como se o slow motion da vida real tivesse sido acionado. Umedeceu os lábios com a língua, piscou algumas vezes e inspirou profundamente enquanto segurava firme no antebraço do marido.

— Oh meu Deus! — murmurou mais para si mesma do que para qualquer ser que estivesse por perto. — Isso significa que...

Ela não continuou. Brian engoliu a grossa saliva que se formara em sua boca e antecipou-se.

— A transformação gerada pelo Abraço já está acontecendo — ele baixou a cabeça e levou o rosto para longe dos olhos dela. Não conseguia encará-la.

— Por que você fez isso? — o tom era de dúvida e não inquisidor.

— Quando despertei, seu corpo jazia praticamente sem vida nos meus braços. O Comandante do meu regimento disse que você tinha me alimentado, eu vi que o limite tinha sido ultrapassado. Pensei que estivesse morta, que sua morte tinha chegado por minhas mãos.

As lágrimas correram sem permissão pelo rosto duro do vampiro. Sua atitude não possuía explicação; Brian tinha consciência moral disso e mesmo assim continuou a dá-las, no intuito de perdoar a si mesmo. Sabia que Alexandrya jamais o perdoaria.

— Entrei em desespero, em pânico! — disse cheio de verdade no olhar. — Como na primeira vez, sua morte era minha responsabilidade!

O vampiro levantou e caminhou até a janela deixando a mulher sentada na cama. Alex levou as mãos ao rosto enxugando-o, franziu cenho e sobrancelhas tentando se livrar da dor de cabeça que a atingira como um raio. Será que isso já fazia parte da mudança?

— Eu deveria ter deixado a vida seguir seu curso e acabado com a minha existência miserável! — um fio de voz foi ouvido junto aos vitrais.

— Nunca mais diga isso — ela reagiu imediatamente antes do silêncio tomar conta do quarto do casal. — E se eu não quiser passar pela transformação?

— Eu terei que matá-la — respondeu no ato sentindo a dor que cada palavra pronunciada provocava em seu próprio corpo.

Após a cessão de sangue para a transmutação, o processo não pode ser interrompido, a não ser que o Criador ou a “Quase Criatura” desejem. Somente a decapitação era capaz de impedir a continuidade do processo. Brian se encolheu junto à janela somatizando, antecipadamente, a possibilidade de matá-la. Ela era sua responsabilidade. Ele teria que fazer, caso fosse a vontade de Alex.

Dizem que quando se está à beira da morte a vida inteira passa diante de seus olhos. Sentada na beirada do colchão, ela se lembrou de tudo que tinha vivido até ali. Dos sonhos realizados, os objetivos idealizados, a união com Brian, a finitude de seus antepassados, a impossibilidade de gerar descendentes. Tantas lembranças, felicidade compartilhada, lágrimas e preocupações, desejos realizados e outros deixados de lado. Olhou para a figura desolada do marido e caminhou até ele, tocando—lhe o ombro até enxergar seus olhos.

— O que você fez... — parou buscando as palavras mais adequadas à tensão estabelecida — foi imperdoável, foi errado e eu me sinto... violada.

Brian ouvia calado com a mão apoiada no batente branco da janela. Mordeu o lábio superior, de onde brotou um fio de sangue. Ela estava certa. Ele era um merda.

— Não houve consentimento, mas, — soltou o ar pelo nariz com um meio sorriso desbotado e sintético. — por mais que isso fizesse de mim um monstro, se eu estivesse em seu lugar teria feito exatamente a mesma coisa. Por egoísmo, medo de te perder, desespero, o diabo que fosse. Não importa! Eu teria feito o mesmo.

Ele voltou a face pálida para ela em busca de qualquer indício de perdão que o fizesse sentir melhor. Alex levou a mão às têmporas massageando-as.

— Essa maldita dor de cabeça faz parte disso?

Ele assentiu: — Vai doer. Muito! Mas estarei ao seu lado por todos os segundos até terminar.

Alex ergueu as sobrancelhas e bufou:

— Nascer também dói... por que morrer para nascer de novo não doeria?

O que Brian McIntire deixou de dizer a Alexandrya Leon McIntire é que nem todos os humanos conseguiam passar pela transformação. Alguns ficavam pelo caminho, consumidos pela agonia ou por ajustes equivocados trazidos pela nova fisiologia. A parcela dos que não conseguiam era alta. Ele omitiu a informação temendo que ela desistisse.

Havia, porém, algo inédito. Nunca alguém com sangue misto tinha passado pela mudança. Nesse momento, nem Alex nem tampouco Brian tinham conhecimento de que a herança que ela trazia era, em parte, sobrenatural. As consequências não eram esperadas e mudariam a sociedade vampiresca de maneira colossal. Alex tinha o sangue puro da primeira grã-sacerdotisa pagã da história. A feiticeira celta mais poderosa de todos os tempos estava prestes a se tornar uma vampira.

Continua em:

Dark London

A Profecia das Eras

Livro 1

Fragmento do Capítulo I

Prefácio da Morte

Campo de Refugiados. Síria (Fronteira com a Jordânia).

Janeiro / 2017.

O Dr. Marcus Patel entrou correndo na tenda improvisada com galhos de árvores e grossos cobertores no campo de refugiados, localizado na fronteira com a Jordânia. O local, que ficava a pouco mais de 200 Km de Damasco, ainda era território sírio. Logo foi cercado por três mulheres e um homem idoso que falavam ao mesmo tempo no idioma local. Conduziram-no até o fundo da tenda onde uma adolescente tremia encolhida no chão de areia, tendo o corpo protegido apenas por uma esteira de palha.

O médico dobrou os joelhos junto a ela e afastou o fino lençol que cobria seu corpo esquelético. A menina se encolheu. Em um tom de voz baixíssimo, ele se dirigiu a ela com olhos plácidos e gentis.

— Vai ficar tudo bem. Meu nome é Marcus e eu vou ajudar você, tudo bem?

Ela assentiu com a cabeça, ao mesmo tempo em que uma das mulheres apontou para o tornozelo esquerdo. Ao descobrir o local, Marcus visualizou uma ferida enegrecida no centro, avermelhada e extremamente inchada em toda a periferia. Em árabe, a mãe da menina explicou que ela fora picada por um escorpião do deserto.

— Há quanto tempo? — ele perguntou no mesmo idioma.

— Pouco mais de uma hora. — a mulher respondeu ansiosa.

De costas para a plateia, Patel ergueu as sobrancelhas e engoliu em seco. O veneno daquela espécie era capaz de matar uma pessoa em duas horas por meio de uma neurotoxina extremamente potente. Para complicar, não havia nenhum posto de assistência, nem das Nações Unidas, num raio de duzentos quilômetros. Com as costas da mão direita verificou a temperatura da jovem. Estava ardendo em febre. Fez o mesmo procedimento com a pele junto à picada e o entorno. Quente como o Saara; a vermelhidão era ampla e subia. Aquilo não era nada bom.

Após avaliar todas as possibilidades, pediu ao grupo que saísse da tenda, inclusive a mãe da garota. A solicitação gerou certa consternação, uma vez que se tratava de uma mulher. Os costumes de sua sociedade ditavam que ela não deveria ficar sozinha nem tampouco ser tocada e tratada por um homem. Contudo, o desespero fez a mãe obedecer ao comando e tirar todos do gazebo a toque de caixa. Poderia até ser punida, mas não permitiria que sua filha padecesse.

Quando não havia mais observadores à espreita, Marcus se sentou na esteira e estendeu a mão para pegar um pano branco junto a uma pequena bacia com água, que havia sido colocada pelas pessoas que estavam cuidando dela até a sua chegada. Torceu o tecido deixando-o úmido e disse:

— A dor já vai passar. — sorriu gentilmente colocando o lenço molhado sobre os olhos da menina.
— Feche os olhos, criança. Em breve isso não passará de uma aventura.

Ela obedeceu prontamente. A febre alta fazia com que os tremores viessem em ondas de intensos calafrios. A água fresca era um alívio provisório e a camuflagem necessária ao que deveria ser feito.

Marcus Patel fazia parte da organização mundial conhecida como Médicos sem Fronteiras há cinco anos. Nasceu e foi criado na Cidade do Cabo, na África do Sul. A vocação para a Medicina nasceu com ele. Aos 17 anos, entrou para a Universidade de Cape Town, a mais antiga de seu país e referência em Medicina do continente africano, onde se formou com méritos, seis anos depois. Clinicou durante alguns anos em dois programas de Residência Médica, mas a comichão o fez ganhar o mundo. Tinha para si que os deuses tinham lhe reservado uma missão: salvar vidas necessitadas ao redor do globo.

Quando ergueu as mangas longas da camisa caqui era isso que tinha em mente. Salvaria a vida daquela menina.

— Qual o seu nome?

— Sumaia... — ela respondeu num risco de voz, com os olhos fechados e protegidos pelo tecido.

— Certo, Sumaia. Vamos resolver isso.

Tirou a adaga da bolsa de pano que trazia consigo, abriu sua mão com a palma para cima e passou a lâmina fria na “linha da vida”. O filete de sangue vermelho vivo surgiu sem que nenhum som fosse emitido. Levou a mão direita até o local da picada do escorpião, fechou os dedos e deixou que o sangue escorresse lavando a lesão. Um gemido abafado da adolescente foi ouvido.

— Já vai passar. — ele disse tranquilizando-a.

Fechou os olhos, inspirou profundamente e trouxe a tona o que sabia fazer, algo que ia além da medicina convencional. Sua arma secreta. Impôs as duas mãos sobre a perna ferida e deixou fluir a energia. Não precisou de muito tempo para abrir os olhos e perceber que a hiperemia diminuía, assim como o edema. A face da paciente não mostrava mais agonia. Não havia fluido, luz ou brilho local, nenhum ritual ou chamamento, apenas a cura. Sumaia adormecera e agora repousava longe do purgatório recente. O movimento discreto em seu peito era sereno como as águas de um lago em dias de primavera.

A primeira manifestação do que ele chamava de “Benção da Cura” aconteceu quando fez 18 anos. O cão labrador chamado Buck, que convivera com ele e sua família, foi atropelado por um caminhão de lixo. Inconformado, Marcus carregou o animal de 40 quilos nos braços até os fundos da casa onde morava e pediu insistentemente a todas as forças poderosas do Universo que ele sobrevivesse. Após lágrimas e minutos de apreensão, o bicho voltou a se mover e depois a latir e a correr como se nada tivesse acontecido.

O jovem, à época, pensou que aquele era o fruto da fé, da força de sua vontade e do amor que nutria por Buck. Mas descobriu, ao exercer a Medicina, que o que trazia consigo era muito mais poderoso. Depreendeu com o tempo, que seu sangue era uma espécie de catalisador e passou a usá-lo sempre que as coisas saíam do controle. Sumaia morreria sem o soro antiofídico, se não fosse pela benção que Patel trazia consigo.

Questionou por anos que energia era aquela. Buscou explicações e gurus que lhe trouxessem qualquer tipo de esclarecimento. Quem era ele afinal? No último ano da faculdade, um velho curandeiro aconselhou: “Não procure entender. Apenas faça bom uso”. De alguma forma, as palavras daquele homem assentaram a poeira das perguntas e dos pensamentos conflituosos. Até agora.

Marcus sorriu aliviado ao constatar que a menina estava bem. Pegou um dos lenços que carregava

consgo, imergiu na água fresca, pingou duas gotas de óleo essencial de lavanda e depositou no sítio da picada. Levantou-se e chamou a mãe em voz alta. A mulher, de rosto ossudo e angulado, entrou apressada e quando se aproximou da filha colocou as duas mãos na boca. A expressão de espanto veio acompanhada de um agradecimento legítimo.

Sem solicitar, ela pegou as duas mãos de Marcus, ajoelhou-se a seus pés e as beijou num ato de extrema gratidão. Ele assentiu e entendeu, mas pediu que ela se levantasse.

— Deixe o pano branco no local da ferida por 12 horas. — ela concordou com a cabeça. — No mais, deixe-a dormir. Ela só precisa descansar.

A mãe, outrora aflita, agradeceu novamente e se lançou na areia junto à filha enquanto o Dr. Patel se retirava. Ao sair da tenda, foi saudado por outros refugiados, pessoas simples, seres humanos que haviam perdido seus bens e propriedades em meio a uma guerra religiosa e ideológica insana. Sorriu para todos, brincou com as crianças descalças e empoeiradas antes de voltar, realizado e com a sensação de dever cumprido, à base do MSF na fronteira. No dia seguinte retornaria ao Cairo e depois a Londres, onde os próximos paraderos seriam designados.

No caminho de volta pensou em tudo que vivera até ali. As convicções, a vocação, a descoberta de uma habilidade incomum. Sua mente girava em torno de seu próprio destino, quando uma onda vertiginosa varreu—lhe, em fração de segundos, a consciência. Pisou fundo no freio da Land Rover e deixou vir, o que quer que fosse.

Em meio a uma dor de cabeça terrível, seus olhos foram levados para outro lugar. A visão embaçada não o deixava discernir ao certo onde estava. Viu flashes de um rio largo em chamas. Tentou erguer os olhos, mas a cabeça parecia pesar uma tonelada. O céu estava escuro como em uma noite de tempestade; todavia, as nuvens não eram cinza, mas vermelhas como sangue. Ele ouvia gritos e choros ao redor, porém não conseguia ver ninguém; apenas imagens distorcidas, grandes asas e o reflexo do que parecia ser uma espada à esquerda de sua visão periférica. Num lapso, foi trazido de volta.

Quando entendeu que a visão havia terminado, Marcus deu por si que estava sentado no banco do motorista ainda com o motor ligado. Por algum milagre, não havia declive ou o veículo teria se espantado contra alguma rocha, banco de areia ou rolado penhasco abaixo. Virou a chave desligando o carro e deitou a cabeça no encosto do assento com força. Inspirou profundamente e secou com as costas da mão direita o suor que descia pela testa e junto à boca.

— Mas o que foi isso? — disse a si mesmo em voz alta.

A Benção da Cura viera acompanhada de um pequeno efeito colateral. Inicialmente *blackouts*. A família, preocupada com os desmaios e as intensas enxaquecas, procurou ajuda dos melhores médicos. Toda sorte de exames foi realizada, desde simples radiografias até angioressonâncias. Não havia nada de errado com Marcus. O rapaz estava mais saudável que nunca. Quando as visões vieram, não disse a ninguém. Comprou um caderno e começou a anotá—las. Todos os detalhes: os possíveis locais, cheiros, cores, sensações, tudo. Apesar de tanta atenção, custou a perceber que se tratava de predições; que o futuro, de alguma maneira, estava sendo revelado a ele.

O que parecia mais um efeito adverso era, a bem da verdade, outra habilidade adquirida de ancestrais desconhecidos por Marcus Patel até então. Porém, chegara o tempo em que os olhos vendados do desconhecimento estavam prestes a conhecer a luz do saber.

Agradecimentos

Ana, sem o seu crédito nessa história e a sua insistência para publicarmos, “Dark London” teria sido apenas um sonho. Obrigada por tudo!

Agradeço a cada pessoa com quem tive a oportunidade de discutir essa história, em especial à Luciana Jandrê, que desde o primeiro instante em que nos conhecemos acreditou que tudo isso seria possível. Mais que tudo, somos cúmplices <3

A minha família pela paciência, apoio, crédito e o entendimento de tantas ausências em nome da literatura. Aos amigos que apoiaram essa empreitada incondicionalmente. Gratidão sem limites. Meu carinho e coração, em especial à Natália Parreiras, Marcelo Costa, Arlindo Neto, Nilza Freire, Julia Fernandes Batista.

A todos os leitores e fãs de literatura fantástica com que escrevi *fanfictions* e joguei RPG por horas ininterruptas durante anos e anos. Vocês marcaram momentos incríveis na minha vida e são os grandes responsáveis por essa história ter saído do papel para ganhar o mundo. Gratidão!